

SEMINÁRIO EM AULA COMO FORMA DE EXERCÍCIO¹

Emanuelli Machado Flores ²
Helena da Rocha Fornazari ³
Taíze Robiana Euleutério ⁴
Adriana Rodrigues Suarez⁵

RESUMO

Este artigo objetiva relatar a experiência do uso do seminário como método de avaliação e produção em sala de aula, em uma oficina aplicada no Ensino Médio, na disciplina de Artes. O seminário é aqui estudado enquanto exercício para o desenvolvimento de habilidades e competências favoráveis para indivíduos no mercado de trabalho e na Educação Superior. Essa oficina foi executada a partir das dificuldades apresentadas pelos alunos das turmas de terceiro ano do Ensino Médio em seminários avaliativos prévios, contando com a mediação de quatro estagiárias do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). O desenvolvimento e desempenho dos alunos em sua última produção de seminários será avaliado neste artigo com relação à primeira produção observada na metade do primeiro semestre.

Palavras-chave: Seminário, PIBID, Ensino Médio, Habilidades, Oficina.

INTRODUÇÃO

A Arte enquanto ferramenta representacional de diferentes realidades é capaz de nos fazer enxergar além do lógico, do histórico e do científico. A partir do contato com a Arte em ambiente de sala de aula, exercícios de análise de obras podem levar os estudantes a entender melhor o mundo e ver sua própria realidade de maneira crítica.

Essa proposta de desenvolvimento de pensamento crítico e pesquisa foi aplicada em duas turmas de 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Professora Linda Salamuni Bacila, na cidade de Ponta Grossa (PR). O projeto executado visava incentivar a pesquisa, a produção acadêmica e a apresentação oral dos trabalhos em seminários, contando com a mediação de graduandos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à

¹ O presente artigo faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sendo financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Graduando do Curso de de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, autorprincipal@email.com;

³ Graduado pelo Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, 21001787@uepg.br;

⁴ Professora supervisora: Especialização em Educação Especial e Inclusiva - UNINA, taize.euleterio@escola.pr.gov.br

⁵ Professora orientadora: Pós Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, arsuarez@uepg.br.

Docência (PIBID) de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

O seminário consiste em um método de avaliação que exige do estudante “a pesquisa de um tema, que implicará em saber ler, pesquisar, localizar informações, perceber pressupostos, analisar, fazer sínteses, aplicar conceitos, mobilizar recursos, e finalmente a socialização de toda essa produção.”(FERRARO *et al*, 2014) Devido à complexidade da produção deste trabalho, ele pode ser considerado uma avaliação eficiente no caso em que os estudantes possuem as habilidades necessárias para sua conclusão e a orientação docente é constante.

A oficina dos seminários foi sugerida após a observação das apresentações sobre Arte Barroca realizadas pelos alunos, que infelizmente não tiveram o desempenho esperado. Após o consentimento dos alunos e da professora responsável pelas turmas, essa oficina foi aplicada.

A oficina contou com uma duração de 7 aulas, contando com 2 aulas de preparação do conteúdo para as apresentações, e média de 5 aulas de apresentações orais do conteúdo. Durante a produção das pesquisas que viriam a ser apresentações, as estagiárias orientaram os alunos em relação aos trabalhos, procurando ajudá-los a desenvolver os tópicos comentados em aula com base no assunto que escolheram.

Como resultado, as apresentações se mostraram melhores do que as anteriores em relação ao tempo de duração, à leitura e à organização do trabalho. Os alunos se mostraram mais confiantes em relação ao que estavam falando, o celular não se mostrou um problema na maioria das apresentações, pois muitos dos alunos conseguiram explicar o conteúdo sem apoio de um texto, e os assuntos escolhidos foram organizados de maneira coerente, seguindo os métodos apresentados pelas estagiárias no começo da oficina. Como consequência de um trabalho bem estruturado, as apresentações duraram mais tempo, o que fez com que uma das turmas usasse duas aulas a mais para finalizar a oficina.

É possível perceber aberturas para melhorar os métodos de aplicação da oficina, através de mais frequentes exercícios de redação e oralidade, assim como de produção de pesquisa científica. Todavia, como uma etapa para o desenvolvimento de habilidades, que proporcionem a construção de conhecimento pelos alunos através do seminário como método de avaliação, essa oficina provou ser uma oportunidade para os estudantes e para as estagiárias.

Essa oficina foi proposta após a unidade de conteúdo sobre Arte Barroca ser finalizada— conteúdo presente na grade curricular dos estudantes —, e os alunos demonstrarem falta de confiança ao explicar a pesquisa, acarretando na redução do tempo de duração do seminário, agravado pela má organização do material.

Uma vez que as pibidianas compreendiam a situação e priorizavam o desenvolvimento dos alunos, elas conversaram com a professora sobre a possibilidade de aplicar uma oficina para orientação dos alunos em como realizar trabalhos acadêmicos de maneira mais eficiente. Vale notar que os estudantes do ensino médio foram questionados sobre a utilidade dessa oficina antes de ser aplicada e a proposta foi bem aceita.

Essa atividade foi aplicada em duas turmas de 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Professora Linda Salamuni Bacila, na cidade de Ponta Grossa (PR). Essa escola atende a população da região da Boa Vista, os alunos das turmas participantes possuem faixa etária de 17 a 19 anos. O projeto executado visava incentivar a pesquisa, a produção acadêmica e a apresentação oral dos trabalhos, contando com a mediação de graduandos participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa. As aulas foram divididas em três partes: mediação, preparação e apresentação.

Durante a mediação, as quatro participantes do PIBID presentes na aula realizaram uma conversa com os alunos sobre como a maioria dos seminários é apresentado na universidade, delimitando tópicos como: postura, projeção da fala, estudo prévio à apresentação, materiais utilizados, pronunciamento de termos ou nomes estrangeiros, uso de imagens nas apresentações de *slides*, tamanho da fonte, quantidade de texto por *slide* e o uso do celular durante as apresentações. Todos esses tópicos foram exemplificados para os alunos através de materiais produzidos pelas próprias graduandas para as disciplinas do Ensino Superior, os trabalhos acadêmicos mostrados possuíam qualidade variável, fornecendo maior base para comentários. Os materiais utilizados para essa conversa foram uma apresentação de slides sobre a artista Eva Gonzales e um texto acadêmico sobre a poética pessoal de uma das graduandas.

Como o trabalho anterior sobre Arte Barroca requiritava uma análise de obra que poucos alunos fizeram, uma das “pibidianas” fez uma breve análise da obra “A Grande Onda de Kanagawa” de Katsushika Hokusai, destacando os tópicos que foram avaliados no seminário prévio: biografia do artista, contexto histórico, descrição da obra e poética da obra.

Propôs-se então a atividade de pesquisa para os alunos: fazer e apresentar um seminário sobre um tema de interesse próprio, acompanhando a apresentação com um relatório simples da pesquisa nas normas ABNT. O tema livre foi escolhido uma vez que a oficina é voltada para desenvolver habilidades como pesquisa, análise, organização e sistematização de conteúdo e explanação oral do que foi apreendido; levando em consideração que cada aluno possui suas áreas de interesse e investigação, portanto, essas competências não devem ser limitadas à área de Linguagens, mesmo a disciplina sendo desta área.

Durante o período de preparação, que ocupou o tempo de duas aulas, as “pibidianas” acompanharam os grupos de dois ou mais alunos e suas pesquisas, indicando fontes de onde retirar a informação, auxiliado na produção dos *slides*, mediando a escolha do tema em grupos com ideias divergentes. Infelizmente, não foi possível utilizar a sala de informática ou os computadores da escola, portanto, a maioria dos alunos realizava a pesquisa em sala de aula e a produção de *slides* nos computadores que possuíam em casa ou através do celular, sendo a última forma escolhida por muitos para mostrar às graduandas seus progressos nas pesquisas e montagem da apresentação.

No decorrer das apresentações, as estagiárias continuaram atendendo às dúvidas de quem ainda não tinha apresentado e conversando com alguns dos alunos que já haviam apresentado sobre como foram no trabalho e sobre os novos conhecimentos que elas adquiriram a partir do trabalho deles. Por fim, foi pedido aos alunos que escrevessem sobre como foi trabalhar na pesquisa com base no que aprenderam com as “pibidianas”, pois ao escreverem sobre como se saíram no trabalho, os alunos se tornam mais críticos em relação ao que produzem, procurando ver os pontos positivos e negativos em suas práticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O seminário é uma exposição oral onde há “um expositor que se coloca temporariamente no lugar do professor, assumindo a função de especialista, para transmitir informações que foram estudadas e organizadas na fase de preparação do seminário.”(DOLZ *et al* apud MELO, p.36, 2020). Em muitos casos, o seminário pode ser acompanhado de um debate sobre o tema, o que exige leitura prévia do público; em outras situações, o seminário pode se assemelhar a uma aula expositiva sobre o assunto. Essa variação de situações pode acarretar em momentos de desenvolvimento coletivo para a turma e construção de conhecimentos; ou momentos interpretados como “matação de aula” pelos alunos, de acordo

com Ferraro *et al* (2014), onde a equipe apresentando só realiza a leitura do material, sem se aprofundar no tema, o que pode indicar que eles “estavam desenvolvendo a atividade apenas para cumprir uma avaliação.” (MELO, p. 68, 2020).

Em uma situação onde essa atividade seja bem aplicada, o seminário pode desenvolver habilidades como “pesquisa, leitura, interpretação, análise, síntese, e expressão oral”(FERRARO *et al*, 2014). Deve-se salientar, porém, que as habilidades só serão realmente apreendidas com o auxílio, orientação e mediação do professor de forma a incentivar a pesquisa dos alunos, orientar a organização dos conteúdos e solucionar dúvidas.

Para que este método seja efetivo, o professor deve fornecer dados, ou formas de localizar os respectivos assuntos antes das apresentações, para que os alunos possam assimilar melhor o assunto. Também é de suma importância que durante a apresentação a participação do professor seja constante, ele poderá “guiar” as discussões com proposições ou questionamentos – tanto para o grupo quanto para a turma – e encaminhar discussões que não estavam tão nítidas no trabalho. (FERRARO *et al*, p.86, 2014).

Além da apresentação oral e do debate, Cristina D’Ávila recomenda, em seu livro “Métodos e técnicas de ensino e aprendizagem: Cardápio pedagógico”, no plano de aula de apresentação em forma de Jornal de TV, uma “sobremesa” (finalização) com a reorganização da sala de aula em semicírculo para “Apresentar uma síntese, retomar ou aprofundar o conteúdo e propiciar o feedback coletivamente.” (D’ÁVILA, p. 97, 2021). A autora busca, através da ludicidade e da sensibilidade, incentivar o pensamento crítico e o interesse pela aprendizagem no aluno.

Referenciamo-nos, pois, no entrelaçamento entre o lúdico e o saber sensível – que inclui a linguagem estética – como transversal aos saberes pedagógicos e didáticos. O saber sensível não preside a ação pedagógico-didática isoladamente, mas está presente como dimensão, como interface do ato pedagógico e didático. (D’ÁVILA, p. 38, 2021).

Outra questão fundamental para a produção do seminário é o trabalho em equipe, definido por Piancastelli, Faria e Silveira (2000) como: “uma estratégia concebida pelo homem, para melhorar a efetividade do trabalho e elevar o grau de satisfação do trabalhador.”(p. 45). Ele envolve habilidades de organização, empatia, liderança, responsabilidade e comunicação pública - “aspecto significativo para o profissional e o cidadão contemporâneo” (MONTE, PEREIRA, p.3, 2018). E uma equipe, em sua mais completa definição seria um "conjunto ou grupo de pessoas com habilidades complementares, comprometidas umas com as outras pela missão comum, objetivos comuns (obtidos pela

negociação entre atores sociais envolvidos) e um plano de trabalho bem definido.” (PIANCASTELLI, FARIA, SILVEIRA, p. 46, 2000), infelizmente, em muitos casos, a ideia de equipe pode ser reduzida para um "conjunto ou grupo de pessoas que se aplicam a uma tarefa ou trabalho" (PIANCASTELLI, FARIA, SILVEIRA, p. 46, 2000), onde temos a desvalorização tanto do objetivo do trabalho em equipe, quanto das habilidades e interesses dos indivíduos nessa coletividade.

No caso de trabalho individual, habilidades como: organização e responsabilidade ainda são importantes. É necessário também, compreender seus limites, investigar sua forma de estudo e se dedicar para apresentar bem, pois “a apresentação do trabalho para comunidade acadêmica é uma forma de tornar público o processo percorrido no decorrer do estudo. O conhecimento construído pelos grupos possibilita os mesmos a se constituírem como sujeitos socialmente ativos.” (MONTE, PEREIRA, p.4, 2018).

E mesmo no caso de produção individual, a colaboração com outras pessoas ou equipes pode ser benéfico para ambas as partes. Essa colaboração pode vir por meio da produção do material; compartilhamento de fontes de pesquisa e métodos de análise; leitura crítica do material do colega para avaliar o grau de entendimento do assunto pesquisado em um texto escrito; observação da apresentação da outra equipe ou aluno com o objetivo de ajudar na construção de um raciocínio que possa ser transmitido oralmente e de uma postura apropriada para a apresentação de um seminário acadêmico, visto que:

A produção de um texto oral segue uma lógica totalmente diferente [da produção de um texto escrito]. A palavra pronunciada é dita de uma vez por todas. O processo de produção e o produto constituem um todo. O controle do próprio comportamento deve ser realizado durante a produção, o que somente é possível numa certa medida. É, portanto, importante criar automatismos; preparar a fala, sobretudo se esta é pública, através da escrita e da memorização; considerar seu texto oral como o produto de uma preparação aprofundada que, em situação, não supõe, de fato, mais do que variações devidas aos imprevistos da comunicação em ato. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY. p. 112, 2004)

Dolz, Noverraz e Schneuwly (p.97, 2004) determinam uma sequência didática para “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

Os objetivos apresentados pelos três autores responsáveis pelo desenvolvimento dessa sequência didática são: “Desenvolver no aluno uma relação consciente e voluntária com seu comportamento de linguagem, favorecendo procedimentos de avaliação formativa e de auto-regulação”; “Preparar os alunos para dominarem sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana, oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para

melhorarem suas capacidades de escrever e de falar”; e “Construir nos alunos uma representação da atividade de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho, de uma lenta elaboração.” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, p. 109-110, 2004).

Essa estrutura consiste na apresentação inicial do tema; a primeira produção, escrita ou oral para avaliação de capacidades já adquiridas; módulos, que são grupos de atividades voltadas a desenvolver um gênero de linguagem; e a produção final, que é um trabalho objetivando a demonstração do que foi aprendido, pode ser usado também como avaliação. Essa sequência didática deve conter o acompanhamento constante do professor, e pode ser trabalhada “não só por professores de Língua Portuguesa, como também por docentes de outras áreas de conhecimento, já que, como comentamos outrora, essa prática é bastante recorrente, também, em outras disciplinas.” (MELO, p.107, 2020).

Através da aquisição das habilidades já citadas e aprendizagem do conteúdo para a produção e apresentação de um seminário, temos o desenvolvimento de um coletivo de alunos que passam a ter uma visão mais crítica do mundo após entrar em contato e debater os conteúdos das apresentações. Afinal, “a aprendizagem não é uma consequência do desenvolvimento, mas, ao contrário, uma condição para este.” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY. p. 124, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as apresentações dos seminários, foi possível perceber que, mesmo nervosos, muitos alunos conseguiram desenvolver melhor seus conhecimentos oralmente, o que levou ao aumento do tempo de apresentação, consequentemente foi ocupado o período de 4 aulas pelo o 3ºA, e 6 aulas pelo o 3ºB para a conclusão dessa atividade (somente as apresentações).

Os temas dos seminários foram diversos, para citar alguns: Chocolate, Times de futebol, Séries de televisão, uso de múmias para produção de pigmentos na Europa, Jogos, TEA (Transtorno do Espectro Autista), Animês, o Azul nas civilizações antigas, cavalos, RPG, cirurgia cardíaca, o gênero musical R&B, fofoca, casos de crimes reais e Vincent Van Gogh. A abertura dos temas deu-se para colaborar com o desempenho dos alunos, promovendo seus interesses e a apreciação da aprendizagem, seguindo os preceitos apontados por D’Ávila (2021, p.23) de que “talvez o ensino acadêmico tenha perdido esse elo fundamental [entre o saber e o sabor] e cabe resgatá-lo. Saborear o saber significa estar por inteiro na experiência da aprendizagem e para aprender, é necessário desejar aprender. Ninguém aprende se não deseja aprender.”

Nos primeiros dois dias de seminário da produção final, os alunos demonstraram mais confiança na apresentação oral que nos últimos dias, posteriores ao período de férias, em que o conteúdo já não estava mais “fresco” em suas memórias. O uso de leitura do conteúdo nos celulares ou *slides* ainda foi recorrente, principalmente em trabalhos em equipe, porém em menor quantidade que na produção inicial.

Em adição, os materiais estavam bem estruturados, contendo sumário, introdução, temas principais, conclusões, curiosidades, exemplos, entre outros tópicos, seguindo uma linha clara de raciocínio em todas as apresentações. Os *slides* também apresentaram equilíbrio entre quantidade de imagens e textos por *slide*, resultando num material mais confortável para ler e acompanhar, mas não menos criativo e marcante.

Os trabalhos escritos em modelo ABNT foram entregues por meios digitais, alguns alunos ainda entregaram trabalhos escritos manualmente (em muitos casos por falta de acesso a um computador). Enquanto produziam suas pesquisas, os alunos demonstraram maior preocupação com a finalização dos *slides* do que com o trabalho escrito, portanto foi possível perceber erros de citação, cópia, erros ortográficos e gramaticais, entre outros.

Para finalizar a oficina, pedimos uma pequena produção textual dos alunos sobre suas experiências: como foi para eles o desenvolvimento da pesquisa, a apresentação, a produção do trabalho escrito; quais aspectos eles sentem que melhoraram, quais ainda precisam melhorar; como foi o trabalho individual ou em equipe. Alguns comentários dos alunos foram:

“Fazer esse trabalho foi algo bom, principalmente pelo fato de ser sobre um assunto que eu entendia e sabia o que falar, assim fazendo com que ficasse mais fácil de apresentar. Fora também que aprendi coisas que não conhecia, aprendi significados de palavras que para mim eram estranhas.

“Pela primeira vez eu não fiquei nervoso e consegui me comunicar sem travar ou acabar errando alguma informação. Resumidamente foi algo que trouxe benefícios que eu não esperava.”

“Pessoalmente falando, os dois seminários tiveram o mesmo nível de estudo e esforço. No segundo trabalho eu senti que gaguejei menos e gostei do resultado final, além de tudo, Barbie com certeza é mais interessante que o Barroco Brasileiro.”

Dados os resultados, as habilidades de “pesquisa, leitura, interpretação, análise, síntese, e expressão oral”(FERRARO *et al*, 2014) foram perceptivelmente desenvolvidas pela maioria dos alunos, alguns de forma oral, outros através da escrita. As apresentações que envolviam Times de Futebol e Séries televisivas foram as que mais apresentaram engajamento e

interação dos alunos espectadores, devido tanto à popularidade dos temas, quanto à informalidade presente na fala dos alunos. Essa informalidade foi lentamente substituindo a oralidade formal conforme os dias de apresentação passavam e os estudantes demonstraram mais conforto ao falar em frente a seus colegas.

Poucos foram os casos de alunos que aparentavam somente fazer a apresentação para adquirir nota, essas situações ocorriam em grupos, possivelmente pelo tema escolhido coletivamente não ter sido de maior interesse de um dos alunos. Alguns estudantes demonstraram maior apreensão em apresentar individualmente do que fazer o trabalho sobre um tema que não era de seu interesse.

Mesmo executando muitas atividades em grupo durante os semestres, poucos alunos conseguem transformar esses grupos em equipes. Para isso Piancastelli, Faria e Silveira (p. 48-49, 2000) apontam que é necessário: “o grupo conseguir vislumbrar vantagens do trabalho em equipe - complementaridade, interdependência e sinergismo das ações - em relação ao trabalho isolado, individual.”; “a disposição de compartilhar objetivos, decisões, responsabilidades e também resultados”; “a importância de se garantir a educação permanente de todos os membros da equipe”; e “finalmente, é fundamental que os objetivos e resultados definidos se constituam em desafios constantes para o grupo, algo que instigue cada integrante.”

Para melhorar as produções em equipe, pode-se realizar, futuramente, mais atividades e exercícios onde os alunos trabalhem suas habilidades de comunicação, responsabilidade, tolerância e pensamento coletivo.

Quanto à oralidade dos alunos, a informalidade não é comumente presente no ambiente acadêmico, podendo ser prejudicial na carreira dos estudantes. Como já foi mencionado anteriormente, a ajuda de um colega, membro da família ou amigo pode ser benéfica para a avaliação do texto oral dos alunos, de maneira a verificar: nível de formalidade, estruturação de argumentos, uso correto de figuras de linguagem e exemplos, e construção compreensível de uma linha de raciocínio. E situações em que o aluno se encontra sozinho, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) sugerem que:

Para tornar o comportamento observável, existe um só procedimento: a gravação, que transforma a fala num objeto que o produtor ou o ouvinte podem escutar novamente; que pode ser, facilmente, comparado a outras falas; sobre o qual podem ser formuladas hipóteses a se verificar; que pode ser, eventualmente, transcrito. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY. p. 113, 2004).

Os autores sugerem o uso de gravador e fita cassete, mas na atualidade, já é possível gravar-se com uma câmera de celular, ou gravador presente no mesmo. O uso do aparelho celular pode ser benéfico previamente à apresentação, mas não tem o mesmo efeito durante a fala dos alunos, para melhorar a performance Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) apontam três métodos, que se usados corretamente e acarretando numa percepção crítica do próprio discurso, serão muito eficientes.

primeiramente, a gravação e, conseqüentemente, a possibilidade da escuta repetida que permite a verificação das hipóteses levantadas; a escuta dirigida pela escrita, que deixa traços que podem ser analisados e discutidos; em certos casos, a transcrição, que transforma o oral em escrita observável de maneira permanente. (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY. p. 113, 2004).

Os materiais de apoio estavam bem produzidos. Durante nossa conversa inicial com os alunos, os materiais de apoio usados para as disciplinas da graduação foram os exemplos mais práticos e compreensíveis para os estudantes. Porém não basta informar os alunos sobre a melhor ou mais fácil forma de produzir slides, segundo D'Ávila (p.30, 2021), é preciso ensinar e “o objetivo do ensino é proporcionar o aprender; se o professor ensina sem se preocupar com o aprender, ele não ensina, ele informa.” E o ensino se dá através da mediação didática, onde o professor proporciona condições para a aprendizagem, recordando como é realizado o aprender. Era possível que as “pibidianas” mostrassem como usar as ferramentas em uma plataforma de edição de *slides*, em quais *sites* buscar fontes de informação confiáveis, ou mesmo orientar na formatação dos documentos de acordo com as normas ABNT, porém não nos era possível trazer todas as respostas, escolher os temas para produção, selecionar imagens para adicionar aos *slides*, informar o conteúdo a fim de reduzir a pesquisa do aluno, ou ditar o texto para eles.

Ensinar vai além. Ensinar significa indicar com um sinal – do latim *insignare* – mostrar caminhos, mas não trazer as respostas prontas. Significa ter o objetivo de proporcionar o aprender, ter a intenção; e a intencionalidade faz a diferença entre informar – transmitir uma informação – e ensinar. Ensinar é um verbo transitivo direto que implica em complementaridade: quem ensina, ensina algo a alguém. Decorre, pois, de uma intenção: fazer com que alguém aprenda. (D'ÁVILA, p. 24, 2021, grifo do autor.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível avaliar corretamente uma habilidade sem antes ensiná-la. Na primeira avaliação realizada no terceiro ano do E.M., ainda referente a temas artísticos, essa conclusão tornou-se clara. Os estudantes já haviam realizado trabalhos em equipe, individuais e

seminários, além de produções textuais, porém em nenhum momento eles demonstraram ter aprendido ou que alguém lhes houvesse ensinado como desenvolver as habilidades que viabilizaram sucesso na conclusão das atividades requisitadas.

Após a instrução com exemplos e a mediação das professoras estagiárias, o desempenho dos alunos apresentou-se melhor do que anteriormente. A oficina realizada foi curta e envolvia somente a disciplina de Artes, todavia, a união com disciplinas de Ciências Naturais e Língua Portuguesa enriqueceriam a oportunidade de aprendizado dos alunos, tanto em aspectos como a elaboração de uma pesquisa científica, quanto como a produção de textos escritos e orais com maior desenvoltura.

Ainda há a necessidade de realização de mais oficinas ou atividades que proporcionem aos alunos capacidade de melhorar o rendimento nas avaliações, principalmente nos seminários; mas não puramente para obter “mais nota”, e sim como aproveitamento do conteúdo, construção de conhecimento e desenvolvimento de organização e síntese do saber.

O seminário é uma ótima forma de avaliação por favorecer o aprimoramento de um conjunto de habilidades necessárias não somente no ambiente acadêmico, mas também no mercado de trabalho. Ao abrir espaço para explorar essa forma de aprendizado, estamos formando nossos alunos para além da escola, além da faculdade, essas habilidades constroem o pensamento crítico que eles usarão em toda sua vida.

REFERÊNCIAS

D'ÁVILA, Cristina. **Métodos e técnicas de ensino e aprendizagem para Educação Superior**: Cardápio pedagógico. Salvador:EDUFBA, 2021. Disponível em:< <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34362#:~:text=%E2%80%9CCard%C3%A1pio%20pedag%C3%B3gico%E2%80%9D%20%C3%A9%20a%20met%C3%A1fora,na%20tem%C3%A1tica%20da%20doc%C3%Aancia%20universit%C3%A1ria.>>. Acesso: 12 ago. 2023.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95 - 128. Disponível em:< https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5794503/mod_resource/content/1/DOLZ%3B%20NOVERRAZ%3B%20SCHNEUWLY.%20Sequ%C3%Aancias%20Did%C3%A1ticas%20para%20o%20oral%20e%20para%20a%20escrita%20apresenta%C3%A7%C3%A3o%20de%20um%20procedimento.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

FERRARO, Concetta; SANTOS, Dezembrino; LASCHUK, Eduardo; FARIAS, Gabriela; ZANELLA, Jéssica; RODRIGUEZ, Márcia; ROCHA, Pedro; CUNHA, Simone. Ensino através de seminários. In: EDEQ, 34., 2014, Santa Cruz do Sul. **Trabalho** [...] Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. Disponível em: <

<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/edeq/article/view/11913/1761>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

MELO, Josiane. **O seminário na escola: ensino e análise de gênero**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <
https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/30677/1/JosianeDaSilvaMelo_DISSERT.pdf>
. Acesso em: 30 jul. 2023.

MONTE, Fernando; PEREIRA, Denis. Seminário em sala de aula como uma estratégia de ensino. In: IV CONEPT - CONGRESSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA DO IFSP, 4., 2018, Araraquara. **Resumos Expandidos** [...] Araraquara, 2018. Disponível em: < <https://ocs.ifsp.edu.br/conept/iv-conept/paper/viewFile/4228/743>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

PIANCASTELLI, Carlos; FARIA, Horácio; SILVEIRA, Marília. O Trabalho em Equipe. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Organização do cuidado a partir de problemas: uma alternativa metodológica para a atuação da Equipe de Saúde da Família**. Brasília: OPAS, p.45-50, 2000. Disponível em: <
<https://www.colegiosantanna.com.br/formacao/downloads/O%20trabalho%20em%20equipe.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2023.